

**GÊNIO NA VIDA, TALENTOSO NA ARTE¹:
UMA VISÃO DA BIOGRAFIA DE OSCAR WILDE²**

Ivan Bilheiro³

*"Os pecados da carne não têm nenhuma importância: só os pecados da alma são vergonhosos."
(WILDE, 2011, p. 56)*



Ilustração 1: Oscar Wilde

Fonte: <http://www.cmgww.com/historic/wilde/photo2.htm>

O escritor Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, nascido em 16 de outubro de 1854 em Dublin (Irlanda), tem uma história de vida que chega mesmo a concorrer com sua capacidade literária, atraindo a atenção daqueles que com dela tomam conhecimento. Mas, “embora a vida particular de Oscar Wilde por vezes pareça obscurecer sua obra, não se coloca em questão seu talento literário e sua sagacidade sem paralelos” (KING, 2009, p. 220).

A configuração de seu extenso nome já oferece algumas características de sua história de

-
- 1 Este título faz referência à frase “Coloquei todo o meu gênio na minha vida; nas minhas obras, coloquei apenas o meu talento”, atribuída a Oscar Wilde por André Gide (Cf. GIDE, 2009. p. 78 apud SCHIFFER, 2010, p. 7).
 - 2 A maior parte das informações aqui contidas é baseada na bem documentada biografia de Oscar Wilde elaborada pelo professor de Filosofia da Arte Daniel Salvatore Schiffer (2010). Aliás, diga-se de passagem, esta biografia permitiria um verdadeiro estudo “arqueológico” do pensamento de Oscar Wilde, com o elenco das mais diversas influências e leituras que figurariam nesta “arqueologia”. Não é este o objetivo aqui, mas fica o registro.
 - 3 Graduado em História (CES), graduando (UFJF) e pós-graduando (UGF) em Filosofia.

vida. Ele tem ligação com um importante contexto histórico e com uma busca de fundamentação das afirmadas origens célticas da família, com referências inclusive à mitologia celta.

O pai de Oscar Wilde, Sir William Robert Wilde, foi um grande erudito e médico cirurgião, chegando a ser nomeado Sir em função de seus serviços prestados à Coroa. Ele envolveu a família em um marcante escândalo, conhecido como “Caso Mary Travers”, o qual chegou a legar a Oscar Wilde o tema, recorrente em suas obras, do “segredo familiar”. O caso, *grosso modo*, se deu em função do envolvimento de Sir William com uma de suas pacientes, a jovem Mary Travers. A relação teria começado em 1854, sendo que, após ser dispensada pelo pai de Oscar, a jovem acabou por alimentar um infame escândalo, chegando a acusar seu antigo amante de tentar dopá-la para tirar sua virgindade impunemente. A história desembocou em uma defesa por parte da esposa de Sir William, a mãe de Oscar, o que acarretou um debate público e, então, um processo judicial iniciado pela senhorita Travers, começado em 1864. O resultado da pendenga foi favorável à família Wilde, mas maculou a família inevitavelmente. Além disso, Sir William também colocou sobre a família o peso de conviver com seus três filhos, duas mulheres e um homem, frutos de uma relação supostamente anterior a seu casamento.

Já a mãe de Oscar, Jane Francesca Elgee, é descrita como carinhosa e afetiva, e grande defensora de seus filhos. Ela foi de grande influência na vida do autor d'*O retrato de Dorian Gray*. Ao que parece, a poetisa Speranza – pseudônimo que adotou como escritora – era dotada de forte tendência à megalomania, além de ser uma forte militante nacionalista, com uma visão independentista. Afirmava uma nobre e importante ascendência genealógica que, ao que parece, não se fundamenta de todo – mas, como disse Castelo Branco, “há sujeitos que iriam procurar as ruínas do seu solar no paraíso terreal, se não receassem encontrar o seu penúltimo avô na pessoa de Caim. Honrado receio!” (BRANCO, 2004, p. 109).

Essa grande jovem – que media mais de um metro e oitenta e gostava de desfilar pela sala de casa como uma diva no palco de um teatro – tinha um gosto todo especial, que inculcaria em seu filho Oscar, pela encenação. A cômica e enfática Speranza adorava “causar sensação”, assim como confessou, de modo grandiloquente e sem cerimônia, ao matemático William Hamilton (SCHIFFER, 2010, p. 24).

Lady Wilde era a anfitriã de um importante salão literário, ambiente no qual seu filho teve a oportunidade de efetuar seus primeiros contatos importantes na esfera intelectual. Com sua megalomania, ela se apresentava como uma “imperatriz improvável”, como uma soberana concedendo graciosamente uma audiência particular. Era assim que, segundo as descrições, a mãe de Oscar “reinava” em seu salão literário, do qual chegaram a participar George Bernard Shaw e William Butler Yeats, ambos galardoados com o Nobel de Literatura.

Além de Oscar, Sir William e Lady Wilde tiveram mais dois filhos: William Wilde, o mais velho, nascido em 1852; e Isola Emily Francesca, a mais jovem, nascida em 1857. A filha do casal faleceu cedo, com 9 anos de idade, em 1867. Esta perda gerou grande trauma em Oscar Wilde e, segundo parece, por mais que tenha tido uma vida errante, ele sempre reteve uma fotografia de sua irmã. Aliás, parece que foi dedicado a Isola o primeiro poema por ele escrito, intitulado *Requiescat* (escrito em 1877, mas publicado somente em 1881). Oscar Wilde nunca teve boa relação com seu irmão mais velho, e esta deteriorou-se mais ao longo da vida de ambos.

No que concerne à trajetória estudantil, Oscar Wilde é descrito em termos de aluno sempre brilhante, reconhecido e várias vezes premiado, com grande capacidade de leitura e aprendizagem. Tornou-se poliglota, com conhecimento pleno inclusive do grego e do latim⁴. Mas, ainda que fosse um estudante extremamente dedicado e compenetrado, não deixou de praticar gracejos como qualquer estudante, e por isso mesmo também deve ser caracterizado como um jovem estudante bastante extrovertido.

Suas tendências homossexuais começaram a se manifestar já no período escolar, sendo que o primeiro beijo de Wilde, com 16 anos de idade, foi “roubado” por um rapaz. Aliás, o tema das origens homossexuais do escritor são controversas. Sobre ele, há a seguinte tese:

[...] será que deveríamos ver nesse amor incondicional pelas roupas mais extravagantes, assim como nessa predileção pelas cores mais vibrantes [precocemente manifestos como atestam certas cartas trocadas com a mãe], os sinais prenunciadores de uma homossexualidade latente? Não necessariamente. Assim como nada autoriza a pensar, ao contrário do que afirma Robert Merle, que essa homossexualidade derivaria do fato que, após o nascimento de seu primeiro filho, Willie, sua mãe desejava ardentemente uma filha e que, desapontada por ter dado à luz a um segundo menino, vestiu-o desde muito cedo com roupas femininas, como testemunha a primeira fotografia de que dispomos dele, quando tinha apenas dois anos. Pois era costume nessa época, nas altas esferas da sociedade vitoriana, vestir crianças muito jovens com vestidos decotados e saias bufantes, tudo isso paramentado com sapatos de verniz e um penteado cacheado (SCHIFFER, 2010, p. 31).

Como se nota, é um tema polêmico. A oposição de Schiffer (2010) à tese de que a mãe de Oscar o teria vestido de mulher desde cedo permanece questionável, uma vez que ele não apresenta fontes para afirmar tal costume como comum na sociedade da época.

4 “[...] dominando com perfeição o grego e o latim, conhecia os principais textos. Já na [Escola] Portora o jovem Wilde, cuja cultura da Antiguidade era tão vasta quanto precisa, era capaz de traduzir instantaneamente, em voz alta, Homero, Hesíodo, Sófocles, Eurípedes, Aristóteles, Virgílio, Ovídio, Sêneca e Ésquilo [...]” (SCHIFFER, 2010, p. 37).



Ilustração 2: Primeira foto de Oscar Wilde, aos 2 anos de idade, com trajes tipicamente femininos.
Fonte: <http://www.cmgww.com/historic/wilde/photo5.htm>

Foi durante seu período de estudos no Trinity College que Oscar Wilde começou a desenvolver um exaltado gosto pelo que mais tarde chamaria de “estetismo”, uma “nova corrente filosófico-artística que esteve na origem de uma moda francesa” (SCHIFFER, 2010, p. 48). Mas foi em sua “fase Oxford” que Wilde desenvolveu a personalidade pela qual ficou conhecido, efetuando uma verdadeira auto-construção. O esforço de abandono do forte sotaque, aliado ao tom de voz do escritor, fez com que ele ficasse conhecido como um ótimo orador, cuja fala atraía a atenção e chegava a encantar. Quanto às roupas, ele disse:

Foi em Oxford que usei pela primeira vez calças curtas e meias de seda. Quase reformei a moda e tornei o modo moderno de se vestir esteticamente belo; uma segunda e ainda maior Reforma [...]. Pena que Lutero não entendesse nada de roupas, que não tivesse a menor ideia do que valoriza uma pessoa (HARRIS, Frank, 1956 apud SCHIFFER, 2010, p. 57).

Também foi nesta fase que Oscar envolveu-se com a Maçonaria, escalando rapidamente os graus da respectiva hierarquia. E, nos intervalos entre os períodos de aulas, ele viajou muito (aliás, Oscar Wilde viajou muito ao longo de toda a sua vida), conhecendo lugares icônicos da cultura européia, com destaque para as Artes. Nestas viagens, outrossim, o escritor dava plena liberdade a seus desejos homossexuais.



Ilustração 3: Fotografia de Oscar Wilde em uma temporada em Atenas. “[...] famosa foto na qual se vê o pomposo e aprumado Oscar Wilde [...] posar orgulhosamente com trajes nacionais gregos” (SCHIFFER, 2010, p. 86).
Fonte: <http://katakolonews.files.wordpress.com/2011/05/oscar-wilde-greece.jpg>

Uma curiosidade da vida de Wilde está radicada na sua primeira relação séria com uma mulher, chamada Florence Balcombe, iniciada em 1876. Embora nunca tenha chegado a uma relação sexual, o casal teve um compromisso sério, do qual Oscar Wilde acabou se desvencilhando. Pouco tempo depois disso, em 1878, supostamente enraivecida com ele, a jovem casou-se com Bram Stoker, o autor do consagrado romance *Drácula*.

Ao longo de sua vida, o autor de *O retrato de Dorian Gray* experimentou uma constante atração pela Igreja Católica, embora só tenha se “convertido” tardiamente e recebido o batismo já à beira da morte. É digno de nota, inclusive, que em uma de suas viagens, Wilde chegou a ter uma audiência particular com o então Papa Pio IX. Porém:

[...] Wilde nunca conseguiu privilegiar de maneira definitiva, ao menos até a sua conversão, o catolicismo romano, cujo espírito de mortificação por vezes exacerbado o incomodava. O paganismo grego – e em particular a exaltação dos prazeres terrestres, desde que as delícias do corpo não absorvessem a profundidade da alma – claramente o seduzia muito mais (SCHIFFER, 2010, p. 88).

Também consta entre suas experiências de viagem, especificamente durante seu último ano em Oxford, a contração da sífilis, através da relação com uma prostituta londrina. A doença venérea

era, à época, incurável, e martirizou o escritor por um longo período, não deixando de atuar até mesmo em seu sofrimento de final de vida.

De acordo com Daniel S. Schiffer (2010), após a saída de Oxford em 1880, até o ano de 1884, em que contraiu núpcias, Oscar Wilde viveu um “período de transição”. Nesta fase está compreendida uma considerável ascensão social, paralela a sua afirmação como escritor conhecido (com foco no teatro), bem como o importante (embora repetitivo) ciclo de palestras que proferiu nos Estados Unidos (1882):

Agora que compreendia tudo sobre a “sociedade do espetáculo”, pôs-se a forjar para si, com uma meticulosidade quase maníaca, um *personagem público*, quase teatral, já que a excentricidade de seus trajes não deixava de surpreender. Nessa época, ele perambulava pelas principais avenidas da capital inglesa com um girassol na mão (SCHIFFER, 2010, p. 92. Grifo meu).

Deste período em diante, Oscar Wilde tornou-se uma verdadeira personificação do dandismo, “essa estética rara porém sublime na qual hedonismo epicurista e ascese estoica se veem dosados em partes iguais, numa mistura sutil [...]” (SCHIFFER, 2010, p. 93). Entre as atividades de Wilde nesta nova etapa de vida, devem ser incluídas suas constantes festas, bem como as diversas exposições artísticas que promoveu em suas residências.

É fruto deste *personagem público* em que se tornou Oscar Wilde a estruturação do *estetismo*: “O estetismo é a busca dos signos da beleza. É a ciência do belo que permite procurar a correspondência entre as artes. É, mais exatamente, a busca do segredo da vida [...]” (ELLMAN, 1988 apud SCHIFFER, 2010, p. 105-106).

Quanto à relação com Constance Lloyd, que se tornaria sua esposa, ela teria se iniciado em 1881, quando se conheceram. E “foi em 16 de maio de 1883 – dois dias após seu retorno à capital inglesa [...] – que, preocupado em acabar com o rumor cada vez mais persistente quanto a sua homossexualidade, Oscar convidou Constance [...] a tomar chá na casa de sua mãe, Lady Wilde” (SCHIFFER, 2010, p. 124). O relacionamento logo ficou oficial, com o noivado já em 26 de novembro de 1883 e o casamento em 29 de maio de 1884. Foi de Oscar Wilde o desenho do vestido de casamento (e ele, surpreendentemente, usou trajes discretos), bem como o *design* das alianças.

Constance revelou-se, após o casamento, uma mulher extremamente leal e companheira, e apoiou Oscar Wilde mesmo nos piores momentos. Este, por sua vez, não passou nem perto de ser um “marido ideal”⁵, sempre distante da esposa e submetendo-a às piores situações em função de suas constantes relações homossexuais, chegando ao ponto de levar alguns de seus amantes à

5 “Wilde revelou-se tão ingrato para com sua esposa quanto esta se mostrou leal com ele” (SCHIFFER, 2010, p. 181).

residência do casal: “[...] foi a partir dos primeiros meses de sua vida matrimonial que Wilde começou a negligenciar sua mulher, deixando de ter relações sexuais com ela para ir aliviar suas pulsões nos braços de efebos [...]” (SCHIFFER, 2010, p. 139).

Mas o casal Wilde chegou a ter dois filhos, Cyril e Vyvyan, este segundo tendo afirmado, que Oscar era um “pai muito bom, gentil e afetivo, sempre cheio de atenções e bastante divertido” (SCHIFFER, 2010, p. 144). O processo que Wilde enfrentou no final de sua vida fez com que ele perdesse legalmente os direitos paternos, e a mácula que a situação criou fez com que Constance alterasse o sobrenome dos filhos, os quais adotaram o segundo nome do tio materno Otho Holland Lloyd.

A maior tragédia da vida de Oscar Wilde foi sua fortíssima paixão pelo jovem Lord Alfred Douglas, intimamente chamado Bosie. Os dois se conheceram em junho de 1891, mas só engataram um duradouro (embora completamente conturbado) relacionamento a partir de maio de 1892. Foi desta relação que decorreu, por uma série de infortuitas decisões, o processo que levou Oscar Wilde à prisão, por um período de dois anos.

Como esteta, Wilde mostrou-se imediatamente cativado pela beleza de Bosie, efebo de linhagem toda aristocrática [...]. Bosie, por sua vez, cedeu prontamente ao irresistível charme e carisma natural de Wilde, aos quais se acrescentava uma enfeitiçante vivacidade de espírito mesclada de profunda cultura (SCHIFFER, 2010, p. 160).

Porém, Bosie tinha uma personalidade nervosa e imatura, e era um amante neurótico e invasivo. Outrossim, embora ele tenha tentado afirmar que fora dominado por Oscar Wilde, posto que era muito mais jovem que o amante (“É preciso lembrar que, quando conheci Wilde, eu era muito jovem, e mais jovem ainda em termos de personalidade e experiência. De fato, eu era apenas uma criança” (DOUGLAS, 1977 apud SCHIFFER, 2010, p. 157)), a história dá conta do processo inverso – ou o que o próprio Wilde bem denominou como “[...] o triunfo de uma natureza menor sobre uma maior, um caso típico de ditadura do mais fraco sobre o mais forte” (WILDE, 2011, p. 20).



Ilustração 4: Lord Alfred Douglas (Bosie) e Oscar Wilde.
Fonte: <http://www.anthonwynn.com/bosienews/bosie-oscar.jpg>

A parte as constantes brigas que ocorriam entre os dois, a relação foi conturbada também pela ousadia com que eles se permitiam ser vistos em público – em uma época em que o comportamento homossexual era considerado crime⁶. Isso gerou uma série de críticas a ambos, incluindo a severa oposição ao relacionamento feita pelo pai de Bosie, o Marquês de Queensberry – responsável pelo processo judicial que levou Wilde à prisão.

O trágico relato do envolvimento amoroso de Bosie e Wilde pode ser encontrado, com o mais profundo rancor, no texto que Oscar escreveu na prisão, na forma de uma carta a seu amante. A obra *De profundis* (2011 [original em versão integral, publicado pelo filho de Oscar, Vyvyan Holland, de 1949]) é uma extensa recapitulação dos mais terríveis momentos que este amor impensado gerou.

Para se ter uma ideia das condições trágicas do relacionamento, especificamente no que tange às questões financeiras, Schiffer apresenta um dado: “Três anos [de relacionamento] durante os quais [...] Wilde dilapidou – para agradar seu amante, saciar seus menores desejos e satisfazer suas caprichos – a bela soma de cinco mil libras esterlinas ou o equivalente nos dias de hoje a meio milhão de euros!” (SCHIFFER, 2010, p. 167). E Daniel Schiffer também coloca a dúvida que só a

⁶ Eis o *Amendmend Act* da *Criminal Law*: “Todo homem que comete [...] um ato de atentado grave ao pudor com uma outra pessoa do sexo masculino [...] torna-se culpado de um delito passível [...] de uma pena de prisão de até dois anos, com ou sem trabalhos forçados” (VALLET, 1997 apud SCHIFFER, 2010, p. 205).

condição inexplicável do amor pode responder – para que não se pense que o escritor foi pura vítima de Lord Alfred Douglas:

Resta saber como um homem tão inteligente e sensível, profundo e culto como Wilde pôde se deixar levar assim facilmente – no momento em que obtivera afinal, com *O leque de Lady Windermere*, a glória literária que tanto buscara nos quatro cantos do mundo – numa semelhante decadência existencial, a ponto de não ser mais, ao fim de sua vida, do que a sombra patética e debilitada de si mesmo⁷ (SCHIFFER, 2010, p. 168).

Um dos principais aspectos nefastos da relação entre os dois era a sofrível inatividade literária/artística a que Wilde era lançado quando da companhia de Bosie, como ele mesmo chega a afirmar repetidas vezes no *De profundis* (2011).

Por uma série de más escolhas, muitas decorrentes da cega paixão de Wilde por Bosie, o escritor chegou à situação de ser induzido a processar o pai de seu amante por difamação. O correr do processo, sustentado muitas vezes por falso testemunho (Wilde defendia-se afirmando que não tinha quaisquer relações homossexuais, à revelia dos diversos garotos que prestavam serviços sexuais que foram chamados a testemunhar), fez com que a máquina judiciária se voltasse contra Oscar Wilde, o que o levou, enfim, à prisão, com o cruel regime de trabalhos forçados.

A perversidade do sistema prisional que Wilde teve de enfrentar, o qual não deixava de encarcerar inclusive garotos de menos de 14 anos, quase o levou à loucura, fazendo com que sofresse imensamente. As três cartas para o jornal *Daily Chronicle* que ele escreveu depois de sua libertação são bastante reveladoras das situações lá vividas.

No entanto, Wilde acabou reatando com Bosie depois da saída, muito embora tenha sofrido tudo aquilo por conta desta relação, e mesmo após ter se comprometido diversas vezes em nem mais se aproximar daquele que era sua tragédia. “Voltar para Bosie era-me psicologicamente inevitável”, afirmou.

Abandonado, enfim, por seu amante, Oscar Wilde, agora usando o pseudônimo *Sebastian Melmoth*, pereceu gravemente, sofrendo bastante, e acabou por falecer miserável e praticamente esquecido:

Foi assim que, em 30 de novembro de 1900, o genial e extravagante Oscar Wilde, um dos maiores escritores do século XIX, senão de toda a história da literatura, morreu, aos 46 anos, em meio aos piores sofrimentos, ao anonimato total e à miséria mais absoluta, num quatinho decrepito e gelado de um sórdido hotel parisiense (SCHIFFER, 2010, p. 288).

A vida de Oscar Wilde é, portanto, uma peculiar trajetória pelos meandros dos prazeres mais

⁷ Ou, para usar a expressão de Odon Vallet, o caminho “do sublime da obra de arte ao sórdido das notícias policiais” (1997 apud SCHIFFER, 2010, p. 177).

intensos, pela elevação mais absoluta da vida à arte (ou o contrário?), e pelos mais perversos caminhos de uma cega paixão. A genialidade do escritor se revela mesmo em sua vida, enquanto que sua trajetória é perpassada pelo grande talento artístico e literário.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Camilo Castelo. O parente de cinquenta e três monarcas. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (orgs.). **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. p. 105-116.

KING, Carol. Oscar Wilde. In: PATRICK, Julian (edt. geral). **501 grandes escritores**. Tradução de Livia Almeida e Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. p. 220-221.

SCHIFFER, Daniel Salvatore. **Oscar Wilde**. Tradução de Joana Canêdo. Porto Alegre: L&PM, 2010. (L&PM Pocket).

WILDE, Oscar. De profundis. In: _____. **De profundis e outros escritos do cárcere**. Porto Alegre: L&PM, 2011. (L&PM Pocket). p. 5-150.